

Atividade industrial gaúcha voltou a cair em julho

Redução conjuntural no déficit primário do Governo Central em julho

Efeito da paralisação se dissipa e inflação desacelera em agosto

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Atividade industrial gaúcha voltou a cair em julho

A indústria ainda se ajusta aos choques de maio, mas está se normalizando e retomando o ciclo de recuperação.

O Índice de Desempenho Industrial gaúcho (IDI/RS), divulgado pela FIERGS com base na pesquisa Indicadores Industriais do RS, caiu 0,8% entre junho e julho, retirados os efeitos sazonais. A retração ocorreu após dois meses de fortes oscilações decorrentes da greve dos caminhoneiros: um tombo de 9,0% em maio e um salto de 11,9% em junho.

A queda do IDI/RS em julho foi explicada pela contração de apenas um de seus seis componentes, as compras industriais (-3,7%). Já as horas trabalhadas na produção ficaram estáveis (-0,1%), enquanto os demais indicadores cresceram no período: faturamento real (+0,2%), emprego (+0,6%), massa salarial real (+0,7%) e o grau médio de utilização da capacidade instalada-UCI (+0,4 p.p., para 81,0%).

Apesar da volatilidade na margem, a tendência nas comparações anuais continuou no terreno positivo. Em relação a julho de 2017, o IDI/RS cresceu 4,6%, acelerando o crescimento do índice no acumulado do ano de 1,9% em junho para 2,3% em julho.

Na abertura por componentes, as altas mais significativas no acumulado até julho foram observadas pelas compras industriais (+8,2%) e pelo faturamento real (+3,7%). Na UCI e no emprego a expansão foi menos intensa: 1,5 p.p. e 1,0%, respectivamente. Por outro lado, as horas trabalhadas na produção (-0,5%) e a massa salarial real (-2,7%) recuaram.

A expansão anual da atividade atingiu 9 das 17 dos setores industriais pesquisados. Veículos automotores avançou 15,7%, sendo responsável por dois terços do crescimento geral. Também exerceram influência positiva importante os setores de Equipamentos de informática e eletrônicos (+22,6%), Produtos de metal (+4,5%), Tabaco (+3,3%) e Borracha e plásticos (+3,1%). Entre os recuos, destaque para as atividades de Vestuário e acessórios (-7,1%), Têxteis (-8,0%), Bebidas (-2,7%) e Químicos e refino de petróleo (-0,7%).

Os Indicadores Industriais do RS de julho mostraram que o setor ainda se ajusta aos choques provocados pela greve dos caminhoneiros, indicando também que, apesar da queda na margem, a atividade está se normalizando e retomando a trajetória de recuperação, percebida, principalmente, nas comparações anuais.

Por um lado, a indústria gaúcha está sendo estimulada pelas reduções dos juros e da inflação e alguma recuperação do emprego. Por outro lado, sofre com a demanda interna fraca, os *spreads* bancários ainda elevados e o setor externo menos favorável, além da incerteza crescente com o quadro eleitoral, a volatilidade da taxa de câmbio e o acirramento da crise na Argentina.

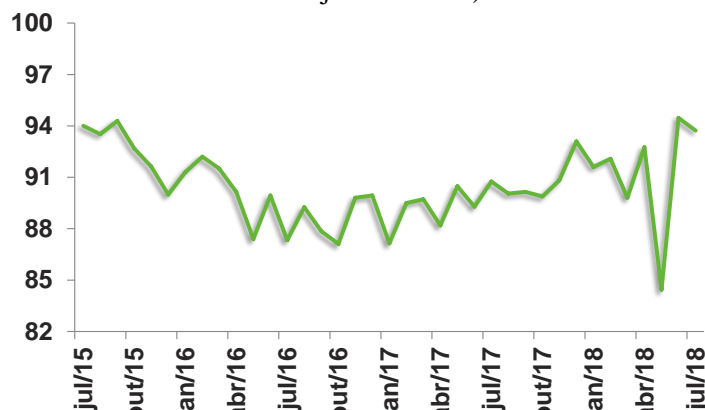
Nesse contexto, a recuperação da atividade industrial gaúcha deve continuar no restante do ano, mantendo suas características de muito gradualismo e instabilidade. Os estoques ajustados e o otimismo dos empresários com relação à demanda futura reforçam essa perspectiva.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul (Variações em % – julho de 2018)

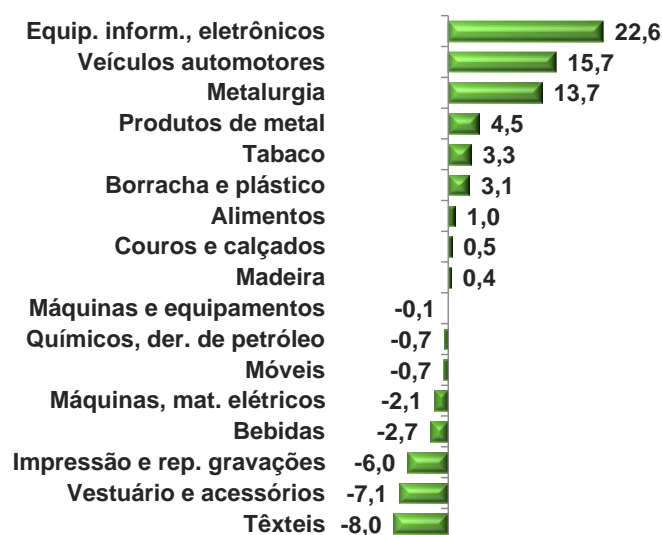
	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-0,8	4,6	2,3
Faturamento real	0,2	9,6	3,6
Horas Trabalhadas na produção	-0,1	-0,1	-0,5
Emprego	0,6	2,1	1,0
Massa salarial real	0,7	-2,4	-2,7
UCI (p.p.)	0,4	2,6	1,4
Compras Industriais	-3,7	11,1	8,4

* Dessazonalizado

Índice de Desempenho industrial – IDI/RS (Índice de base fixa mensal – Média 2006=100 – Com ajuste sazonal)



Índice de desempenho industrial – IDI/RS – Setorial (Variação Jan-Jul 2018/Jan-Jul 2017 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.

Redução conjuntural no déficit primário do Governo Central em julho

O Governo Central (Governo Federal + Banco Central) apresentou déficit primário (considera apenas receitas e despesas não financeiras) de R\$ 7,5 bilhões em julho, segundo a metodologia “acima da linha”. O valor é menor do que o registrado no mesmo mês de 2017: R\$ 21,1 bilhões (a preços de julho de 2018). Essa melhora decorre do crescimento de 14,3% da receita líquida total ante a redução de 0,2% na despesa total em relação ao mesmo mês do ano passado (tudo em termos reais).

Sobre o aumento na arrecadação, destacou-se a elevação de 10,6% nas receitas administradas pela Receita Federal Brasileira (RFB), que resultou principalmente da recuperação da atividade econômica e das maiores alíquotas do COFINS sobre combustíveis em relação a julho do ano passado (com aumento de 18,5% na arrecadação da contribuição). Além disso, a desvalorização do câmbio e o aumento do preço internacional do petróleo contribuíram para o aumento de 43,5% as receitas não administradas, com quase sua integralidade captada pela rubrica Cota parte de compensações financeiras.

A despesa, por sua vez, apesar de ter permanecido praticamente constante, anotou redução de 14,2% em Outras despesas obrigatórias (destaque para redução de 39,6% nos subsídios), compensada pelo aumento de 12,8% nas despesas discricionárias (com destaque para a Saúde).

Efeito da paralisação se dissipa e inflação desacelera em agosto

O choque inflacionário provocado pela paralisação dos transportes parece ter se dissipado. Os resultados do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de agosto mostraram que o cenário inflacionário continua condizente com o que se esperava no início do ano. O IPCA variou -0,09% em agosto, a menor taxa para o mês desde 1998. Dessa forma, a variação acumulada nos últimos doze meses recuou para 4,19%, permanecendo pelo 17º mês consecutivo abaixo da meta de inflação (4,5%). Mesmo com os riscos de uma contaminação da intensa desvalorização cambial sobre os preços da economia brasileira, o mercado não espera reversão desse quadro benigno no curto prazo. A expectativa é que o índice encerre o ano em 4,17%.

Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, Alimentação e bebidas (-0,34%) e Transportes (-1,22%) apresentaram deflação em agosto. Somados, os grupos representam 43% da cesta do IPCA e, portanto, exerceram grande impacto sobre o índice. No primeiro caso, pesou a variação de -0,72% no subgrupo Alimentação no domicílio, puxado no mês por Tubérculos, raízes e legumes (-9,72%) e Carnes (-1,52%). Já no grupo Transportes, o destaque foi o item Passagem aérea, que, após a alta de 44,51% registrada em julho, apresentou, em agosto, a menor variação no índice do mês (-26,12%). Os Combustíveis (-1,86%) também contribuíram para a variação negativa do

No resultado acumulado nos sete primeiros meses de 2018, houve um déficit de R\$ 39,1 bilhões, consideravelmente menor do que os R\$ 80,1 bilhões do mesmo período do ano passado. A redução é explicada pela elevação de 7,6% na receita líquida frente a um aumento de 1,9% na despesa total. Pelo lado da receita, chamaram a atenção as variações do COFINS (+16,5%) e do IRPJ (+9,7%). Do lado da despesa, impactaram decisivamente as despesas com benefícios do INSS (+2,4%) e com o Min. da Saúde (+10,3%).

No acumulado em 12 meses, o déficit primário foi de R\$ 88,5 bilhões em julho, o equivalente a 1,3% do PIB, revelando certa folga frente a meta para 2018, que é de déficit de R\$ 159 bilhões (ou 2,3% do PIB).

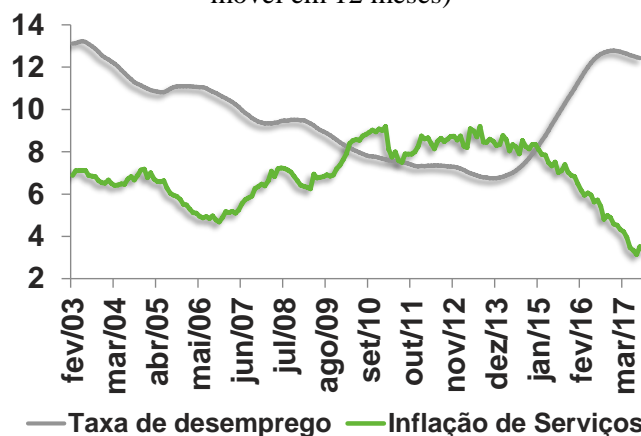
Conforme esperado no fim de 2017, o cumprimento da meta de primário não deve ser problema em 2018, principalmente em função da melhora, mesmo que lenta, da economia. Contudo, as projeções não indicam reversão do quadro deficitário antes de 2023, o que significará um aumento brutal da já elevada dívida pública. Atualmente, a Dívida Bruta do Governo Geral (Gov. Central + Estados e Municípios) está em 77% do PIB e, se os déficits primário se confirmarem, deve rumar para próximo de 84% do PIB em 2023, mesmo considerando que reformas importantes sejam feitas e o teto dos gastos seja cumprido.

grupo.

A inflação deve continuar baixa nos próximos meses, e um indício disso é a elevada taxa de desemprego. A inflação dos serviços (36% do IPCA) tende a responder à ociosidade do mercado de trabalho. Em agosto, esse índice subjacente variou -0,16%, chegando a 3,60% nos últimos doze meses. Com a atividade econômica patinando e a grave situação do emprego no país, o IPCA deve permanecer comportado, pelo menos, até o fim do ano.

Taxa de desemprego e IPCA de Serviços

(IPCA: acum. em 12 meses; Taxa de desemprego: média móvel em 12 meses)



Fonte: BCB, IBGE. Elaboração própria.